

Perspectivas de uma filosofia política da educação em John Dewey

Perspectives on a political philosophy of education in John Dewey

Perspectivas de una filosofía política de la educación en John Dewey

Felipe Trindade Santos¹
Wanderley Cardoso de Oliveira²

Resumo

O presente artigo busca discutir alguns elementos acerca da compreensão de filosofia da educação do pensador estadunidense John Dewey. De início procura situar as origens históricas e culturais do autor, desde sua herança familiar democrática, passando pelo modelo de formação religiosa na infância, até contemplar as influências filosóficas que vão do idealismo alemão ao pragmatismo americano de James. Sua compreensão de educação, filosofia e democracia mesclam-se de tal forma que não é possível entendê-las separadamente: uma educação emancipadora, voltada para as questões humanas, acompanhada de um projeto filosófico crítico que reconhece o papel da cultura e também do potencial dos indivíduos, concebida num viés democrático de participação conjunta, colaboração e troca de ideias. Eis, em síntese, a relevância desta pesquisa: trazer a contribuição de um pensador acerca da importância da democracia na construção de uma sociedade mais participativa e reflexiva.

Palavras-chave: experiência; reflexão; filosofia; democracia; educação.

Abstract

The present article seeks to discuss some elements of the American thinker John Dewey's understanding of the philosophy of education. At first, it seeks to situate the author's historical and cultural origins, from his democratic family background, through the model of religious formation in childhood, to the philosophical influences that range from German idealism to the American pragmatism of James. His understanding of education, philosophy, and democracy merge in such a way that it is not possible to understand them separately: an emancipating education, focused on human issues, accompanied by a critical philosophical project that recognizes the role of culture as well as the potential of individuals, conceived in a democratic perspective of joint participation, collaboration, and exchange of ideas. Here, in summary, is the relevance of this research: to bring the contribution of a thinker about the importance of democracy in the construction of a more participatory and reflective society.

Keywords: experience; reflection; philosophy; democracy; education.

¹Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. São João Del Rei, MG, Brasil.

E-mail: philipus2010@yahoo.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8778-6488>

² Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. São João Del Rei, MG, Brasil. E-mail: woli@ufs.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6467-5910>

Resumen

El presente artículo pretende discutir algunos elementos sobre la concepción de la filosofía de la educación del pensador estadounidense John Dewey. En un primer momento, trata de situar los orígenes históricos y culturales del autor, desde su herencia familiar democrática, pasando por el modelo de formación religiosa en la infancia, hasta las influencias filosóficas que van desde el idealismo alemán hasta el pragmatismo americano de James. Su forma de entender la educación, la filosofía y la democracia se funden de tal manera que no es posible entenderlas por separado: una educación emancipadora, centrada en las cuestiones humanas, acompañada de un proyecto filosófico crítico que reconoce el papel de la cultura y también el potencial de los individuos, concebido en una perspectiva democrática de participación conjunta, colaboración e intercambio de ideas. He aquí, en síntesis, la relevancia de esta investigación: aportar la contribución de un pensador sobre la importancia de la democracia en la construcción de una sociedad más participativa y reflexiva.

Palabras clave: experiencia; reflexión; filosofía; democracia; educación.

Introdução

Já se passaram exatamente 70 anos do falecimento John Dewey (1859-1952). Passados tantos anos, uma pergunta torna-se pertinente: o que faz um autor ser revisitado? A resposta pode surgir da leitura de suas principais obras, que trazem sua contribuição para a reflexão da relação do ser humano com a realidade e os problemas que dela emanam. Para Dewey, uma teoria do passado tem sentido quando pode iluminar a realidade. Não se visita os estudos de um autor ou de uma teoria para reproduzi-la em outros tempos. O conhecimento desses homens e mulheres do passado permite entender a trama do real e traçar possibilidades. Os desafios atuais exigem respostas atuais.

Para muitos, o nome Dewey pode parecer estranho, afinal, grandes nomes da filosofia são estudados sem o mencionar de sua figura. Suas contribuições são negligenciadas pelo estudo de outras figuras da filosofia contemporânea. Muito do que se conhece de Dewey se deve à sua relevância no campo da pedagogia, sobretudo quando a história da educação ou mesmo a filosofia da educação analisam as contribuições da Escola Nova e do Pragmatismo. Compreensões que, por vezes, são eivadas de incompreensões e incompletudes. Contudo, a valorização da experiência do aluno, a ideia de uma gestão escolar partilhada, a junção do ambiente escolar com o contexto social, a flexibilização dos planos de aula definidos, o aprendizado fora da sala de aula, o fortalecimento do ensino público e de qualidade, são

algumas das ideias apresentadas pelo autor e presentes em muitas realidades escolares em contraposição ao modelo tradicional de ensino.

No Brasil, suas ideias foram difundidas pelo professor Anísio Teixeira durante o século XX. O que resumiria suas ideias? Uma compreensão relacional entre educação, filosofia e política. Quem acompanha com lucidez a realidade brasileira, logo irá observar como esses três conceitos foram minimizados pelos poderes vigentes, sejam eles políticos ou econômicos. O que propõe o autor? Um projeto social emancipador que só possuirá êxito se construído democraticamente e for de tal forma organizado. Educa-se para a democracia e na democracia a partir da experiência reflexiva. Somente tal sociedade consegue compreender e vivenciar a importância do desenvolvimento e do progresso humano. Projeto emancipador(educação), experiência reflexiva(filosofia) e participação conjunta(democracia) são os pilares do pensamento que aqui serão apresentados.

O advento de uma história

John Dewey nasceu em 1859 na cidade de Burlington, estado de Vermont. Seu estado, embora não tenha se integrado às 13 colônias, é um dos mais antigos da nação americana. A característica marcante era a produção rural e a fundação da Universidade. O que movimentará a economia e a vida dos habitantes será o surto da industrialização realizado após o conflito da Guerra da Secessão. A família Dewey é descendente dos colonos que vieram da Inglaterra para fugir da perseguição religiosa e buscar outro meio de subsistência. Com a vida na colônia, compartilharam dos ideais sociais de emancipação, desenvolvimento e progresso.

O lastro de liberdade e autonomia influenciará muito o autor, sem deixar de mencionar as experiências pessoais vividas no ambiente familiar e acadêmico. Dewey foi um professor ao longo de toda sua vida. Amante da educação e da filosofia. Formou-se no antigo curso de Artes e depois doutorou-se em filosofia pela Universidade John Hopkins. Daí em diante exerceu atividade de ensino em colégios locais até ser convidado para atuar como professor universitário em Michigan, Chicago e Colúmbia. Segundo Amaral (1990), Dewey será influenciado pelo idealismo alemão e pelo positivismo de Augusto Comte. Para Jane Dewey (in SCHILPP, 1939), Dewey foi influenciado por Hegel e pelo empirismo inglês de Alexander Bain por meio do professor Henry Torrey da Universidade de Vermont. A

influência de positivismo de Comte pode ser percebida na forma como o autor interpreta a contribuição da ciência no desenvolvimento da vida humana. O autor valoriza com intensidade a ciência e analisa com certa restrição os conhecimentos religiosos e metafísicos que não se fundam sob o signo do método de investigação. No entanto, não exalta a superioridade da ciência como um fator a desprezar as demais instâncias do saber. “Dewey pôde extrair da filosofia hegeliana oferecida por George Sylvester Morris (...), o alimento intelectual capaz de auxiliar a consolidação de sua fé na unidade do mundo (AMARAL,1990, p.42).

De acordo com Cunha (1994), o darwinismo para Dewey foi o despertar para a consciência acerca da evolução humana e dos processos científicos. A ideia de adaptação e manutenção da vida e o desenvolvimento das espécies impressionaram o pensador. Aliada a tantas outras descobertas, Dewey percebeu como a ciência estava demonstrando credibilidade como meio rigoroso de demonstrar conhecimento. Com os pragmatistas assimilou que pensamento e ação não são realidades divergentes, mas unidas; que as formulações teóricas são hipóteses que precisam ser ou não confirmadas no terreno da experiência; que a realidade não é um todo acabado, mas um mundo em transformação constante e que a inteligência pode proporcionar ao ser humano condições de alterar significativamente sua experiência.

A educação foi para Dewey um elemento marcante. Desde jovem o pensador se dedicava às leituras de obras em inglês e francês, antes mesmo de ingressar na escola. Em sua biografia, Jane Dewey (in SCHILPP, 1939) relata que Dewey foi para escola já sabendo ler e escrever. Recebeu o apoio de sua mãe e seguiu a educação como meio de vida. Não só viveu da educação atuando como professor, mas viveu para a educação. Sua passagem pelos estudos superiores, aliada à experiência docente, fez de Dewey um homem preocupado com a questão da educação. Ocupou-se dela estabelecendo procedimentos de análise, de verificação e interpretação para considerar os elementos que a constituem e para projetar vias possíveis para inseri-la no contexto social. Sua preocupação levou-o a redigir obras de cunho educacional que procuravam indagar os pressupostos educacionais, bem como buscavam formas de articular educação e vida. Não concebia o ambiente educacional como um espaço diverso da realidade que preparava jovens para um futuro que estava por vir sem o contato com essa mesma realidade. Pedagogicamente foi um professor que incentivava a participação dos alunos e os envolvia em projetos educacionais que aliavam reflexões e práticas de ensino.

Projetos como o realizado junto ao clube de professores em Michigan, à escola laboratório de Chicago e à “Hull House” de Jane Adams.

A democracia veio para o autor de sua formação social e religiosa. Existe a tradição do pioneirismo americano, ressaltado nas obras de Alexis de Tocqueville (2005), que demonstra como o povo americano lutou pela sua liberdade e independência buscando desenvolver uma forma de governo distinta da realizada na Inglaterra.

Na América, o povo nomeia aquele que faz a lei e aquele que a executa; ele mesmo constitui o júri que pune as infrações à lei. Não apenas as instituições são democráticas em seu princípio, mas também em todos os seus desdobramentos. Assim, o povo nomeia diretamente seus representantes e os escolhe em geral todos os anos, a fim de mantê-los mais ou menos em sua dependência. É, pois, realmente o povo que dirige e, muito embora a forma do governo seja representativa, é evidente que as opiniões, os preconceitos, os interesses, até as paixões do povo não podem encontrar obstáculos duradouros que os impeçam de produzir-se na direção cotidiana da sociedade (TOCQUEVILLE, 2005, p.197).

E é importante ressaltar que a Inglaterra, diferentemente da França, vivia um regime mais participativo devido às transformações impostas pelas decisões advindas da recepção da Carta Magna e da Revolução Gloriosa que impunha limites aos poderes monárquicos. É a busca da construção de uma identidade, de uma liberdade de escolha, de um poder dividido em instituições e marcado pela alternância. É a valorização da construção coletiva da constituição, da importância de distintos setores na construção da nação estadunidense. Além desse espírito nacional, Dewey vinha de uma família de tradição religiosa congregacionista.

Neste sentido, Herbert Schneider, (apud AMARAL, 1990, p.35) ao referir-se

[...] ao que ele chama de teoria contratual das comunidades congregacionistas, observou muito bem que a teoria era democrática no sentido de que ela estipulava a eleição regular de magistrados e ministros da Igreja, escolhidos entre todos os membros, e assim defendia a igualdade e o governo representativo.

Não resta muita dúvida para compreender como o pensador americano pôde conjugar educação, filosofia e democracia para fundamentar seu arcabouço teórico e existencial. Esses conceitos marcaram de tal forma sua vida que reaparecem em sua filosofia da educação. Uma educação reflexiva que não se contentava com o sistema e que buscava meios de fortalecer a

democracia. Resta agora o desafio de tentar demonstrar, mesmo que parcamente, como isso foi realizado.

Mais do que conceitos, modos de vida

John Dewey defendeu, com seus escritos e com sua vida, a importância da educação, tanto que cumpriu sua missão de educador até o fim de sua vida. Educação era para o autor um modo de inserir a pessoa na realidade, na cultura. Sua função era considerada por ele como ampla e ressignificante. Ampla porque a educação busca desenvolver compreensões não pensadas, libertação de costumes estabelecidos. Se a educação insere o indivíduo na cultura familiar, local e nacional, ela a supera, pois busca demonstrar uma gama de significados através da interação com outras realidades: o conhecimento de métodos de pesquisa, costumes, reflexões éticas, posicionamentos políticos e econômicos, relações diversas com o meio ambiente. É ressignificante porque atua numa compreensão cada vez mais apurada da realidade. Atua como reformuladora da experiência, tornando o indivíduo cada vez mais conhecedor das relações humanas, dos conflitos, dos problemas reais. “Educação é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes” (DEWEY, 1979, p.83).

Portanto, a educação tem a missão de transformar a vida do indivíduo, atribuindo-lhe qualidade, reflexão e desenvolvimento. Daí ressaltar a necessidade de estar em conexão com a vida. O ambiente escolar, desenvolvido pelo progresso da civilização, não pode ser um processo estanque da realidade, do contexto no qual se situa. É relação com o contexto, com as instituições, com os grupos sociais, econômicos, políticos e religiosos.

Poderíamos dizer que, para tal, a atuação do educador requer, mais do que conhecimentos, qualidades pessoais e atitudes morais fazendo-o desempenhar essa função social na relação com os alunos e, ao mesmo tempo, estar atento às situações que os levem ao processamento de experiências efetivamente educativas. Nesse sentido, o que lhe é significativo pode vir agregado de um aprendizado colateral, mas o que importa é aquilo que, por um lado, lhe afeta imediatamente, [...] (PAGNI, 2011, p.55).

Essa educação é de cunho filosófico, porque se constitui reflexiva e reconstrutora. Não é um simples transmitir de ideias e conteúdo, é um ato de ajudar a pensar na vida. Estimula o diálogo e não reflete o apelo à autoridade do professor em detrimento dos alunos, antes estimula a troca de informações, de experiências tal como a atribuída a Sócrates. Busca partir da dúvida, dos desafios, dos problemas e assim compreende a realidade como um emaranhado a ser descoberto. É filosófica também porque busca reconstruir. Para reconstruir é preciso derrubar, descobrir o que é sólido para que algo seja edificado, como se dá na construção civil. No plano da vida, a filosofia empreende esse desafio de reconstruir as experiências que se assentam sobre pré-conceitos, pré-julgamentos sobre padrões sociais estabelecidos. A vida é filosofia porque a todo o momento se reconstrói, se reinventa para enfrentar desafios e situações inesperadas: doenças, problemas emocionais, conflitos sociais, crises, fenômenos naturais, desastres. É própria da vida a reconstrução.

A filosofia, para Dewey (1958), descortina-se como uma reflexão em conexão com a vida implicando na ressignificação do modo de estar no mundo. É pensar sobre a vida e suas vicissitudes. Na sua obra, *Reconstrução em Filosofia* (1958), o autor critica uma filosofia que atua em função das coisas eternas, espirituais e, por conseguinte, distantes do real como o fundamento desse mesmo real. Esse tipo de filosofia é de raiz dualista e busca separar a realidade em planos divergentes: o físico e o metafísico, sendo este último a explicação de toda a existência. Reconhece-se que essa compreensão de filosofia constitui “a razão de sua crescente desestima junto ao povo e da falta de confiança nos seus propósitos” (DEWEY, 1958, p.8). Tal compreensão insere a filosofia na escala dos devaneios aos quais somente os letrados podem ter acesso quando gozam do ócio, tal qual o rei filósofo de Platão.

Embora reconheça a história da filosofia e a contribuição dos grandes pensadores, Dewey (1958) acredita que essas contribuições têm significado quando acrescentadas a modos de tentar responder às indagações da realidade. Não pode ser, pois objeto de estudo sistemático, livresco, que visa apresentar conteúdos para abstração, como cultura erudita. Com Dewey, a filosofia sai do meio erudito, puramente conceitual para assumir seu verdadeiro papel na realidade, o de auxiliar na análise e construção de possibilidades aos dramas da existência, sejam eles psicológicos, éticos, políticos, científicos. Essa filosofia é a iniciada precursoramente por Bacon (1561-1626). É uma filosofia que tem interesse no instável, que reconhece a decadência das instituições e das distinções de classes, que se atém

às perspectivas do futuro e valoriza o estudo experimental da natureza (Dewey, 1958). Qual seria, portanto, a relação desse processo de reconstrução com a democracia?

Para o autor, a democracia age em total sintonia com as aspirações de uma educação emancipadora, reflexiva. A liberdade, promovida pela democracia, é o que impulsiona o processo de desenvolvimento humano e social. Garante, portanto, a formação sem as amarras da doutrinação e aceitação do *status quo*. Incentiva a formação reflexiva na medida em que reconhece a importância da participação efetiva, da construção de uma sociedade melhor, da manutenção de forças que vão dando continuidade à vida social. A democracia é o espaço da participação, do diálogo, da construção coletiva. Os regimes autoritários caracterizam-se imediatamente pela supressão dos direitos, pela manutenção da liberdade de expressão, pela imposição de uma educação doutrinante. Neles não há espaço para o diferente, para a tolerância. Democracia é, portanto...

A extensão, no espaço, do número de indivíduos que participam de um mesmo interesse de tal modo que cada um tenha de pautar suas próprias ações pelas ações dos outros e de considerar as ações alheias para orientar e dirigir as suas próprias, equivale à supressão daquelas barreiras de classe, raça e território nacional que impedem que o homem perceba toda a significação e importância de sua atividade (DEWEY, 1979, p.93).

A democracia, por sua natureza, é um processo de reconstrução. É organizada mediante o debate, a revisão e sua relação com a realidade. Trata-se de um processo de contínua construção. As leis e regras são substituídas ou reformadas à medida que não possuem incidência sobre a realidade. Somente a democracia consegue acompanhar o fluxo contínuo da existência que se refaz mediante as experiências. Dewey anuncia com tanto zelo a democracia que reconhece mais do que uma forma de governo, mais essencialmente como “uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada” (DEWEY, 1979, p. 93). Forma de vida que implica tolerância, respeito, diálogo, construção coletiva. Para o autor, a interação e o maior número de contribuições sociais é que solidifica as tramas humanas, pois, fica claro que

Uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento

de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada. Os dois critérios escolhidos para aferir-se o valor de alguma espécie de vida social são a extensão em que os interesses de um grupo são compartilhados por todos os seus componentes e a plenitude e liberdade com que esse grupo colabora com outros grupos (DEWEY, 1979, p.106).

Incidências na realidade

O apreço de Dewey pela democracia e pela educação revela o quanto o autor está eivado do espírito da Modernidade: a crença nas capacidades do homem, da transformação da realidade numa verdadeira terra sem males, da superação das amarras culturais diversas que impedem a projeto de plenitude da humanidade. Contudo, seu pensamento é atual porque reacende questões que continuam inquietando a vida humana.

Passados os devaneios causados por uma ciência eugênica e pela construção de armas com alta capacidade de destruição, a realidade é marcada pela confluência de significações. Autores como Jean François Lyotard (1998) e Jacques Derrida (1991) anunciam o advento de uma pós-modernidade na qual as grandes narrativas caem em descrédito. Se em períodos distintos da história era possível identificar uma força motriz como a religião ou a razão, neste não é possível identificar uma única força condicionante. As narrativas unem-se em torno de projetos menores que conjugam diferentes compreensões da realidade, consideradas até mesmo incompatíveis. Já não se trata mais da busca pela verdade, mas das verdades. A ciência é um tipo de conhecimento em meio a outros que continuam a ser considerados em estima: os religiosos, os míticos, os filosóficos, os saberes. Esse conhecimento não se faz pela certeza, mas pelo provável, pela hipótese, pela refutação.

Ainda que a educação não seja vista como força transformadora da realidade, assim como Dewey a estruturava, ela pode ser uma força capaz de transformação. O autor afirmou com veemência em seus escritos³ que a educação é uma reinvenção da experiência, do modo como o ser humano lida com a realidade, com a cultura que o cerca. Dewey afirmava a importância do contexto, do trato com o cotidiano para que a educação não fosse um projeto distante da vida. Logo, um processo educativo precisa proporcionar a busca de objetivos mais próximos do real. Se está em contato com a vida pulsante das novas gerações, ele não morre,

³ A ideia Filosófica inclusiva (1928), A Escola e a Sociedade (1899), Meu Credo Pedagógico (1897), Do absolutismo ao experimentalismo (1930).

mas surge como uma forma de auxiliar essas gerações no modo como lidam com a vida e também as demais já que o ato educativo não está limitado a períodos estanques da vida. A vida é uma busca constante por conhecimento, por mudança, por adaptação. Uma educação que recorre às contribuições do passado, mas não se prende a ela, porque reconhece a pulsante capacidade de adaptação e transformação da vida e seu desenvolvimento (Dewey,1979a). Compreendendo-se não como a luz que dissipa as trevas dos saberes comuns ou mitológicos, porém como uma forma de compreensão da realidade que busca dimensionar o viver.

Ou ficamos presos a padrões intelectuais e educativos que buscam inculcar nas gerações mais novas valores e saberes prontos e acabados, que como resultado da experiência humana em busca do conhecimento, devem apenas ser aprendidos; ou buscamos um contexto educacional que não abre mão do conhecimento historicamente elaborado, mas também não deixa de lado a experiência da vida prática e cotidiana onde os indivíduos estão inseridos, de modo a mostrar quais são as relações existentes entre um saber que é herdado, uma vida em curso e um futuro modo de ser (FÁVERO e TONIETO, 2011, p.101).

Quando o processo educativo é pensado em estreita relação com a filosofia, descortina-se a possibilidade de compreender e questionar os mecanismos que por ora regem os interesses desse projeto. Os projetos pedagógicos não são isentos de grupos dominantes e ideologias. O elemento filosófico é como uma força inspiradora que questiona a validade dessas ideologias à medida que se revelam inclusivas ou não. Toda educação de um grupo específico volta-se para a conservação de seus costumes e crenças. O mesmo acontece com um projeto educacional nacional, construído sob uma égide precisa que evidencia o interesse na dominação de muitos e na perpetuação do poder de poucos. É uma educação que se caracteriza pela aceitação das verdades, pela incapacidade de questionar, pela uniformização. A filosofia da educação deweyana caracteriza-se pela direção e não pela imposição. O ser humano é vasto e embora seja influenciado pela força da cultura, traz consigo capacidades diversas que o tornam único por uma série de fatores. Uma filosofia da educação que questiona os métodos de investigação, a ação educadora, seus objetivos, sua construção. Filosofia é debate, é vida em ebulição, é realidade em movimento e isso a pós-modernidade tem demais. É difícil dar respostas para a realidade usando os mesmos métodos do passado e querendo que essa realidade diversa seja identificada por um modo de compreensão e transmissão do saber.

É possível estabelecer longas páginas de análise a respeito da validade da democracia, a partir dos diversos acontecimentos até as eleições realizadas nesta segunda década do século XXI. A democracia tem futuro? O estudioso Norberto Bobbio (1986) já fazia essa pergunta há algumas décadas. Dewey (1979) acreditava na democracia como forma de governo e como forma de vida. Para ele não havia outra forma de governo mais participativa e inclusiva que a democrática. Nela reside a alternância de poder, a capacidade de mudança, a convergência de forças, o debate de ideias, a participação popular – elementos ausentes em formas de governo monárquicas ou aristocráticas. Contudo, a democracia pode se degenerar, como recordava o sábio Aristóteles (384-322 a.C), mas, como recorda os escritos de Bobbio (1986), o perigo está nas forças em curso que usam da democracia para estabelecer regimes autoritários ou totalitários: usam o argumento da desordem para usurpar o poder ou o tomam gradativamente pelo controle da indústria cultural e das instituições, projetando somente visões únicas da realidade.

Noam Chomski em sua Obra *A (des)Educação* (2012), revela os planos exploradores de uma política de direita dos conservadores, desde Reagan (Presidente dos EUA de 1981 a 1989) a Margaret Thatcher (Primeira Ministra inglesa de 1979 a 1990), que buscam implodir a opinião pública política, apresentando-se como capazes de pensar e discutir sobre a mesma com autoridade indubitável. Essa chama conservadora ganhou contornos ainda maiores nos tempos atuais por meio da defesa de uma política do livre mercado e em defesa da moral e dos bons costumes e de todas as instituições históricas. O resultado dessa política é a situação de conflito, da intransigência diante do diferente, da defesa de ideias unilaterais e da manutenção do poder pelos donos do capital, “se trata de um golpe severo para la democracia, y de um gran triunfo para los sistemas de poder absolutistas e incontrolables” (CHOMSKI, 2012, p. 66).

Mesmo em meio a este turbilhão de situações, ainda é válido defender a democracia? Ante os riscos causados pelas decisões unilaterais e pelo perigo dos regimes de exceção, Dewey (1979) recorda a validade da democracia e sua íntima relação com a vida humana. Para esclarecer a questão, Bobbio (1986) define que a democracia caracteriza-se, pela discussão de ideias, pela revisão das leis, pela descentralização do poder, pela defesa da liberdade, da igualdade e da fraternidade. O Filósofo italiano ainda elucida que as regras do jogo democrático passam pela tolerância:

Primeiro de tudo nos vem ao encontro, legado por séculos de cruéis guerras de religião, o ideal da tolerância. Se hoje existe uma ameaça à paz mundial, esta vem ainda uma vez do fanatismo, ou seja, da crença cega na própria verdade e na força capaz de impô-la. Inútil dar exemplos: podemos encontrá-los a cada dia diante dos olhos. (BOBBIO, 1986, p. 39).

E também pelo ideal da não violência, aqui descrito:

Em segundo lugar, temos o ideal da não-violência: jamais esqueci o ensinamento de Popper segundo o qual o que distingue essencialmente um governo democrático de um não democrático é que apenas no primeiro os cidadãos podem livrar-se de seus governantes sem derramamento de sangue. As tão frequentemente ridicularizadas regras formais da democracia introduziram pela primeira vez na história as técnicas de convivência, destinadas a resolver os conflitos sociais sem o recurso à violência. Apenas onde essas regras são respeitadas o adversário não é mais um inimigo (que deve ser destruído), mas um opositor que amanhã poderá ocupar o nosso lugar (BOBBIO, 1986, p. 39).

É preciso que se brade aos quatro cantos, juntos com essas figuras do saber (Dewey e Bobbio), que a democracia é a forma mais plausível de caracterização dos anseios destes tempos, enquanto não se pensar outra forma mais participativa, mais colaborativa e mais ampla. Defender a democracia é defender o direito do reconhecimento da liberdade, da promoção da igualdade e da busca pela fraternidade por meios de garantias legais. No espaço democrático entram em cena os diversos atores sociais que reivindicam direitos e participam da organização social cumprindo suas atribuições com o todo. É o espaço no qual estão o religioso e o ateu, a esquerda e a direita política, os defensores das tradições e os defensores do progresso, os mitos e a ciência, todos buscando meios de se conectarem mesmo em meio às diferenças porque há algo que une a todos: a vida. Vida que se garante mediante os desafios pela sobrevivência, vida que se explana em direção a todas as outras formas de existência num emaranhado de potencialidades. Vida que adquire mais consistência, mais firmeza, quando partilhada, quando soluções são buscadas em conjunto, quando discussões acaloradas dirimem as tensões do imediatismo, quando o egoísmo reconhece a importância do coletivo, das relações. A democracia afirma a necessidade das relações, o reconhecimento da importância do outro, a tolerância, a resolução de conflitos sem o uso da violência, a constante formação do ser humano para que cada vez mais indivíduos possam participar plenamente da vida pública.

Nesse ponto é possível compreender que:

A teoria geral de educação, que vimos expondo, deixa subentendido que a contínua reconstrução da experiência, individual ou social, somente pode ser aceita e conscientemente buscada, por sociedades democráticas, que visem, não à simples preservação dos costumes estabelecidos, mas à sua constante renovação e revisão (...). É natural, portanto, que somente sociedades democráticas, que procurem dar maior liberdade aos membros que as constituem e criar o mais largo espírito de solidariedade social e de comunhão de interesses, podem, conscientemente, aceitar e estimular o dinamismo reconstrutor da teoria exposta (TEIXEIRA e WESTBROOK, 2010, p. 54).

Conclusão

É um trabalho gratificante acompanhar a contribuição de grandes figuras da história como a que aqui foi apresentada. A satisfação advém de três considerações. A primeira delas é o prazer em pesquisar alguém que contribuiu de alguma forma com o curso da humanidade e que não é conhecido. É possível que a contribuição de Dewey tenha sido reverenciada em um período da história da educação. Em suma o que representa tal concepção é a formação dos currículos com vista a privilegiar algumas vertentes da história e o interesse de alguns grupos em dimensionar expressões de pensamento que não reflitam sobre a dimensão do grande sistema que direciona o curso da nação. Muitas considerações por ele apresentadas são divulgadas ou reformuladas por outros autores sem as devidas considerações.

Outra consideração que traz satisfação ao trabalho é partilhar da vida e obra de um autor que fez da filosofia uma forma de vida. Dewey representa o sonho de todo o estudioso e amante da filosofia que vislumbra o reconhecimento de sua íntima conexão com a vida. É o sonho de todo amante da filosofia que reconhece como seu estudo traz significados para a vida, possibilitando-a sair do rechaço a que é colocada para entrar de vez no plano da história. Filosofia essa que busca remodelar todo o processo educativo. É um transportar do modo de ser filosófico para a educação como um todo. Educação que se repensa, que se reestrutura, que estabelece diálogo, que busca crescimento e participação, pois se trata de um projeto conjunto que rompe com os esquemas definidos da educação tradicional.

A terceira consideração que enobrece o estudo sobre Dewey é a forma como o autor absorve o conceito de democracia para ampliar seu significado como uma forma de vida. A

democracia na história da humanidade é um processo recente considerando as demais formas de organização que gozaram de estabilidade. Em termos de nação brasileira, a democracia é um projeto muito mais recente. Esse projeto democrático recente é, contudo, fruto de uma construção social, participativa, que se caracteriza, como apresentado ao longo do texto, pela alternância, pelo debate, pela tolerância e liberdade de expressão. Ao contrário de outras formas de governo, a democracia é apresentada por Dewey como o sistema mais plausível, capaz de acompanhar o ritmo de desenvolvimento da existência. Os tempos atuais têm revelado que o ataque à democracia é também um ataque à liberdade de expressão, à educação e à dinâmica da reflexão desenvolvida pelas ciências humanas como a filosofia e a história. Por não reproduzir o discurso dominante e arvorar-se na defesa da liberdade e da promoção humana, a educação é cerceada de várias formas. Não há como deixar de associar a pesquisa com o mundo da vida.

Esse trabalho, realizado em poucas páginas, teve como objetivo demonstrar como o pensador americano John Dewey é relevante em temas presentes nas discussões atuais. Quem está imerso no mundo da educação conhece bem os desafios educacionais relacionados aos projetos pedagógicos, aos currículos que são definidos por meio das ideologias dominantes. O mesmo se diz dos projetos políticos construídos sob ideologias que podem ser muito perniciosas, porque ocultam seus interesses escusos de doutrinação e defesa aguerrida de um único ponto de vista como verdade absoluta. Conhecer a democracia, e educar-se sob a égide da reflexão filosófica é construir a dinâmica de desenvolvimento da vida humana alicerçada na interação, na indagação e na criação de novas possibilidades.

Referências

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo (Tradução por Marco Aurélio Nogueira). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHOMSKY, Noam. **LA (DES) EDUCACIÓN** (Traducción de Gonzalo G. Djembé). Barcelona: Austral, 2012.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **John Dewey**: uma filosofia para educadores em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DEWEY, Jane, M. Biography of John Dewey. In: SCHILPP, Paul Arthur.(ed). **The Philosophy of John Dewey**. New York: Tudor Publishing Co, 1939, p.3-45.
Disponível em https://brocku.ca/MeadProject/Dewey/Dewey_1939.html . Acesso em: 8 Dez. 2021.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**: Introdução à Filosofia da Educação (Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira), 3.ed., São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. (Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a.

DEWEY, John. **Reconstrução em filosofia** (Tradução de Eugênio Marcondes Rocha). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. A Democracia como Credo Pedagógico na Filosofia de John Dewey. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina (orgs.). **Leitura sobre John Dewey e a educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p.103-128.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna** (Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa), 5. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

PAGNI, Pedro Angelo. Leituras sobre as considerações de John Dewey para a educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina (Orgs.). **Leitura sobre John Dewey e a educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p.43-60.

TEIXEIRA, Anísio; WESTBROOK, Robert B. **John Dewey** (Tradução de José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues). Recife: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático (Tradução de Eduardo Brandão). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido: março/2023.

Publicado: julho/2023.